



## A VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DA JUVENTUDE NEGRA: UM OLHAR SOBRE A QUESTÃO

*VIOLENCE IN BLACK YOUTH DAILY LIFE: A LOOK ON THE QUESTION*

**Valdencie José Raimundo<sup>1</sup>**

### RESUMO

Este artigo tem por objeto de estudo a violência e suas diversas formas de manifestações no cotidiano da juventude negra. Visa promover uma leitura da realidade dos jovens negros, evidenciando aspectos que são, muitas vezes, negligenciados nas leituras oficiais. A temática em questão é pertinente, tendo em vista que a juventude tem estado em evidência em diversos espaços da vida em sociedade. É um recorte das reflexões elaboradas a partir da tese de doutoramento da autora deste artigo. Foram analisadas a violência urbana e a sua relação com a juventude negra. Os dados foram colhidos tendo como sujeitos da pesquisa jovens que se identificaram como negros e vinculados a diferentes grupos, tais como: religiosos, militantes de movimentos culturais e moradores de espaços segregados. O ponto de culminância do estudo foi perceber que, apesar das negações e violações sofridas, os jovens criavam formas de resistência fundamentadas a partir dos sonhos de transformações.

**Palavras-chave:** Violência. Cotidiano. Juventude.

### ABSTRACT

This article has as object of study the violence and its various forms of manifestation in black youth daily life. It aims to promote an understanding of black youth reality, highlighting aspects that are often

---

<sup>1</sup> Possui Graduação em Serviço Social - UFPE (2000). Mestra em Serviço Social -UFPE (2003). Doutora em Serviço Social -UFPE (2010). Professora no Curso de Graduação e de Pós Graduação em Serviço Social da Universidade Católica de Pernambuco. É líder do Grupo de estudos em Raça, Gênero e Políticas Públicas/ UNICAP. E-mail: valjrbr@yahoo.com.br.

neglected in official readings. The topic in question is quite pertinent, given that youth has been in evidence in many areas of life in society. It is a cutout of reflections prepared from the doctoral thesis of this article's author that analyzes urban violence and its relation with black youth. Data were collected taking as research subjects young people who identified themselves as black and linked to different groups, such as religious, cultural movements militants and residents of segregated spaces. The culmination point of the study was to realize that despite the denials and violations suffered, young people created forms of resistance based on the dreams of transformation.

**Keywords:** Violence. Daily Life. Youth.

Submetido em 25/03/2014

Aceito em 16/07/2014

## **INTRODUÇÃO**

A juventude brasileira está em evidência. Várias são as reportagens, os debates e estudos realizados por diversos grupos e segmentos da sociedade. Este artigo insere-se no universo dessas discussões, tendo por objeto a violência e suas diversas formas de manifestações no cotidiano da juventude negra e, como objetivo, promover uma leitura da realidade, evidenciando aspectos, muitas vezes, negligenciados nas leituras oficiais. Salienta-se, portanto, que o breve estudo aqui apresentado nortear-se-á pela perspectiva que defende que o/a jovem negro/a são sujeitos de direitos e que, na atualidade, têm tido vários dos seus direitos violados.

Este estudo entende que as situações de violência vivenciadas pela juventude negra no seu cotidiano são expressões de processos históricos, que têm como determinação a ação da ordem capitalista vigente, como também as relações sociais de raça, que, no caso do Brasil, assumem certas particularidades. Dessa forma, entende-se que essa questão é relevante para o Serviço Social, pois este possui “o compromisso de, na contemporaneidade, estar de olhos abertos para o mundo, num esforço de decifrá-lo e participar da sua recriação” (IAMAMOTO, 1999, p. 19).

Outro elemento importante é o lugar que essa questão ocupa no conjunto das desigualdades sociais, sendo entendida

como uma das expressões da questão social<sup>2</sup>. Estudá-la e aprofundar sua compreensão é uma necessidade pulsante para a profissão, visto que o Assistente Social tem o dever de, no seu espaço sócio-ocupacional, “[empenhar-se] para eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças” (BRASIL, 1993, p. 3).

Trazer para os espaços de reflexões do Assistente Social a questão da violência no cotidiano da juventude negra, numa perspectiva crítica<sup>3</sup>, é desafiador, haja vista que o desvelamento desse objeto demanda apreender tanto as manutenções e reproduções das situações vivenciadas como as formas de resistência assumidas.

## **VIOLÊNCIA URBANA E JUVENTUDE NEGRA**

Um estudo que se proponha a entender a questão da violência precisará fazê-lo a partir da compreensão de sua origem e formação, e não apenas de como é percebida no cotidiano das relações sociais. Imprescindível considerar as dinâmicas que a criaram e a transformam, no esforço de apreendê-la dentro do processo histórico.

Entender a violência sofrida pela juventude negra a partir dessa dinâmica implica a elaboração de um histórico de sua constituição e desenvolvimento na realidade brasileira. A violência tem se tornado uma preocupação constante da população, dos estudiosos, dos juristas; isso, porém, não pode ser entendido como algo novo. O que se apresenta com a aparência de novo, na verdade, é a forma como ela tem se mostrado atualmente.

---

<sup>2</sup> Segundo Iamamoto (1999, p. 27), a Questão Social pode ser definida como: “o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos se mantém privada, monopolizada por uma parte da sociedade”.

<sup>3</sup> De acordo com Netto (2011, p. 45), para Marx, “o conhecimento concreto do objeto é o conhecimento das suas múltiplas determinações”, assim, quanto mais se refletem as determinações de um objeto, tanto mais o pensamento reflete a sua riqueza (concreção) real.

Nesse contexto, concorda-se com Arendt (2009, p. 33), quando diz que, para se entender a realidade atual, é preciso lançar o olhar sobre as “brechas” deixadas pelo passado, com base nas quais é possível compreender o futuro. Ratifica-se que as brechas do passado são históricas, sendo necessário entender as particularidades da constituição da violência e suas manifestações na realidade brasileira, considerando as mudanças no desenvolvimento da história.

A violência tem feito parte da história do Brasil, mesmo que algumas orientações filosóficas queiram negar. Chauí (2000, p. 12), em sua obra *O mito fundador*, esclarece essa assertiva, na qual algumas concepções tentam apresentar o brasileiro como sendo um povo sensível e sensual, carinhoso e acolhedor, alegre e, sobretudo, essencialmente não violento. Essa compreensão distorcida não leva em conta a violência perpetrada contra os povos indígenas no momento da invasão<sup>4</sup>, que culminou na dizimação dos povos que habitavam inicialmente o território brasileiro.

Na sequência, os registros históricos evidenciam quão grandes foram os atos de violência praticados contra os negros que foram trazidos da África e aqui escravizados.

Violência está em tudo que é capaz de imprimir sofrimento ou destruição ao corpo do homem, bem como o que pode degradar ou causar transtorno à sua integridade psíquica. Resumindo-se, violentar o homem é arrancá-lo da sua dignidade física e mental (MORAIS, 1981, p. 25).

A violência praticada no Brasil, ao longo da sua formação, aglutinou atos desumanizadores, mediante ações cruéis de dominação e coisificação. Marilena Chauí, ao problematizar a questão da violência, assim a apresenta:

Em primeiro lugar, como conversão e diferença de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e opressão. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como coisa (CHAUÍ, 1985, p. 35).

---

<sup>4</sup> Entende-se que não é próprio continuar usando o Brasil foi descoberto, pois a terra era habitada.

A partir do apresentado, fica claro que a violência é uma temática complexa e tem sido entendida e discutida a partir de diferentes posicionamentos políticos e ideológicos, o que, muitas vezes, compromete sua compreensão e possíveis ações que visem à sua superação. Alguns alegam que isso ocorre porque, na atualidade, esta tomou proporções que têm ferido os princípios básicos de convivência humana. Outros acreditam que os seres humanos, apesar de todas as descobertas e avanços, não têm sido capazes de se relacionar com o diferente. O diferente, em geral, é tratado como desigual, mas é válido enfatizar que “as diferenças só passam a ser sinônimo de desigualdade quando estão inseridas em relações de dominação e exploração” (SANTOS, 2005, p. 33).

A violência foi e tem sido utilizada para a dominação. Seu fundamento, de acordo com Odalia (2004), está na organização social, no caso do Brasil, a capitalista, produtora das desigualdades sociais.

Para o autor, as desigualdades sociais geram expectativas, demandas que não podem ser respondidas pelos sujeitos. Este é um fator gerador da violência, arraigando-se na vida do homem moderno, levando-o a questionar se a violência é um elemento estrutural, ou se, na atualidade, tornou-se um modo de ser do homem contemporâneo.

Neste estudo, a violência não será considerada como o modo de ser do homem contemporâneo, uma vez que ela se apresenta, conforme expõe Fraga (2000, p. 9), como um processo profundo de alienação e estranhamento capaz de manipular, padronizar e silenciar os seres humanos.

Desse modo, entende-se que violência está ligada à estrutura que organiza as relações sociais, reproduzindo-se no cotidiano dos diversos grupos e, aqui especificamente, no cotidiano da juventude negra. Essa perspectiva nos remete à compreensão de que se faz necessário entendê-la a partir de suas condições concretas de existência, e não apenas como uma forma degenerativa do ser humano.

Os estudiosos a nomeiam de diversas maneiras. Chamam-na de violência social, policial, racial, urbana, dentre outras. Este estudo não se propõe a analisar todos os aspectos da violência, dada a sua abrangência. Procurar-se-á, portanto, concentrar a atenção sobre a violência urbana e a influência que esta tem exercido junto ao segmento jovem e negro, residente nas áreas periféricas dos centros urbanos e pertencente às camadas pobres.

A violência urbana se expressa através de atos violentos, os quais não se materializam apenas nos homicídios, apresentando-se nas diversas expressões de discriminações e violações que perseguem a juventude negra, tomando proporções alarmantes.

A violência urbana está relacionada a assassinatos, sequestros, roubos e outros tipos de crime contra as pessoas. Expressa-se na brutalidade da vida, da pobreza, nas carências, na marginalização, no desrespeito, na negação, na violação, na coisificação, na humilhação e na discriminação. A violência urbana caracteriza-se como violência social<sup>5</sup> e traz traços profundos da violência estrutural<sup>6</sup>.

Os dados têm demonstrado que a juventude negra, na atual conjuntura, tem sido vitimada por diversas expressões da violência, destacando-se a violência urbana, a segregação socioespacial<sup>7</sup> e o racismo, entendidos como violências sociais. Esse cenário nos leva a inferir que a violência não deve ser estudada considerando

---

5 Para Odalia (2004, p. 45), “toda violência é social, pois engloba a poluição ambiental, o menor abandonado, a **discriminação racial**, as diferenças entre as classes, a fragmentação do trabalhador etc. Esse tipo de violência rouba a dignidade da pessoa humana negando-lhe a própria razão de viver em sociedade”.

6 Minayo (1994, p. 11) “entende a violência estrutural como aquela que oferece um marco à violência do comportamento e se aplica tanto às estruturas organizadas e institucionalizadas da família como aos sistemas econômicos, culturais e políticos, que conduzem à opressão de grupos, classes, nações e indivíduos, aos quais são negadas conquistas da sociedade, tornando-os mais vulneráveis que outros ao sofrimento e à morte”.

7 Dentro da lógica capitalista, o espaço é organizado de forma desigual, fazendo surgir espaços segregados, que, para Maricato (2000, p. 28), são fruto da exclusão urbanística, representada pela gigantesca ocupação ilegal do solo urbano e ignorada na representação da cidade oficial. Essa segregação vem se impondo na constituição de territórios, separados para cada grupo social sendo, também, sob seu império, que se reorganiza o espaço de moradia.

apenas um aspecto, mas precisa ser concebida nas suas múltiplas especificidades. Nesse contexto, entende-se que a relação entre a violência urbana e a dinâmica racial é bem próxima, uma vez que os jovens negros, segundo Silva e Carneiro (2009, p. 10), são as principais vítimas de homicídios.

Outro aspecto a ser considerado são as transformações capitalistas contemporâneas, que têm o poder de reforçar, manter e reproduzir as diversas expressões das desigualdades sociais. Nesse contexto, é inegável que os mais afetados são os mais pobres. No caso da conjuntura brasileira, os mais pobres são a maioria negra.

[...] E esse excesso de pobreza concentrado entre a comunidade negra mantém-se estável ao longo do tempo, em particular na última década. Ocorre que, dos 53 milhões de brasileiros pobres, 19 milhões são brancos, 30,1 milhões pardos e 3,6 milhões, pretos<sup>8</sup>. Entre os 22 milhões de indigentes temos 6,8 milhões brancos, 13,6 milhões pardos e 1,5 milhão, pretos (HENRIQUES, 2011, p. 9).

Entre os que estão sujeitos a situações de miséria, segundo análise publicada recentemente pelo CFESS<sup>9</sup>, encontram-se os jovens, dentre eles os jovens negros.

Embora os/as jovens constituam um quarto da população economicamente ativa, representam metade do total de desempregados/as do mundo. A informalidade, o trabalho precário e o desemprego têm predominado nas relações de trabalho juvenis, expondo os/as jovens a uma vida de desespero e miséria. Ademais, determinados grupos de jovens, como mulheres e negros/as e, em especial, o grupo que surge da sobreposição dessas duas características (jovens mulheres negras), são atingidos/as de forma ainda mais severa pela falta de trabalho. Assim, vivemos uma era de incertezas, de agravamento das expressões da “questão social”, resultantes das transformações e inflexões no padrão de acumulação (CFESS MANIFESTA, 2014).

<sup>8</sup> Nesta pesquisa, negros serão considerados a partir da soma de negros e pardos.

<sup>9</sup> Conselho Federal de Serviço Social.

Diante do exposto, resumidamente, podemos inferir que a situação de violência impacta de maneira específica a juventude negra, inserida em várias outras circunstâncias, tais como a pobreza, o desemprego, a segregação socioespacial. Nesse sentido, é possível apontar que os jovens negros estão sujeitos a diversas situações de violências.

### JUVENTUDE NEGRA E COTIDIANIDADE

Os estudos preocupados em compreender a vida cotidiana da juventude surgem a partir dos anos de 1920<sup>10</sup>. Desde então, a produção de estudos e pesquisas acadêmicas tem se solidificado através do aprofundamento de um número abrangente de temas relacionados.

Esses estudos tendem a tomar caminhos distintos na apreensão da juventude e do papel que esta cumpre na realidade social<sup>11</sup>. A Política Nacional de Juventude (BRASIL, 2006, p. 6), que se apresenta como um esforço criativo rumo ao reconhecimento dos direitos das juventudes, reconhece a existência de diversas juventudes no país, compondo um complexo mosaico de experiências que precisam ser valorizadas no sentido de se promover os direitos dos/das jovens.

Isso é reforçado por Margulis (2001, p. 11), que, enfaticamente, afirma: “não se pode falar em juventude, mas em juventudes”, uma vez que há distintas maneiras de ser jovem, tendo em vista a intensa heterogeneidade observada no plano econômico, social e cultural. Nessa perspectiva, Rezende (1989) propõe que o termo “juventude” seja posto em definitivo no plural.

Independentemente do olhar que é lançado para a juventude no campo da produção teórica, entende-se que a juventude tem cumprido um papel importante na construção do processo histórico. No entanto, percebe-se que a forma como a sociedade capitalista está organizada tem enfraquecido, fragmentado e imposto vários limites, impossibilitando que a juventude se

---

<sup>10</sup> Ver Silva (1998).

<sup>11</sup> Ver Cardoso e Sampaio (1985) e Mannheim (1982).



expresse na sua plenitude. É fácil identificar os vários limites infligidos ao grupo aqui estudado.

Neste estudo, será adotada a concepção utilizada por Groppo (2000, p. 15), que entende a juventude como uma categoria social, perpassada pela questão da faixa etária que se metamorfoseia de acordo com a classe social, o grupo étnico racial, a nacionalidade, o gênero, o contexto histórico nacional e regional, dentre outros aspectos. Além disso, destaca-se a capacidade revolucionária atribuída por Lefebvre (1991, p. 4).

Cabem aqui duas perguntas: Qual é o espaço em que a juventude, diversa por natureza, sofre toda sorte de violações de direitos? Qual é o espaço no qual os jovens se organizam coletivamente para resistir? É no espaço do cotidiano.

Para refletir a respeito da vida cotidiana, faz-se necessário pensar, mesmo que sucintamente, sobre o espaço. É impossível pensar o espaço desarticulado do território. Conforme Raffestin (1993), Andrade (1995) e Santos (1996), o espaço e o território têm uma significativa importância no processo de produção da sociedade capitalista; porém, é interessante distingui-los, mesmo considerando que há uma unidade entre eles.

Diante da necessidade deste estudo de elaborar um entendimento sobre o espaço, dialoga-se com Santos (1982, p. 26), que aponta: “uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade”. É no espaço onde os acontecimentos da vida se desenrolam, onde as (im)possibilidades se concretizam, desafiando os sujeitos a decifrá-las. É no espaço que o cotidiano se impõe com suas contradições.

Para Lefebvre (1991, p. 55), o cotidiano é um fenômeno das sociedades modernas. Traz em seu bojo a contradição, pois, ao mesmo tempo que possui riquezas, é também espaço de misérias. Sua apreensão é complexa, devido a sua finitude e infinitude. Nesse sentido, precisa ser entendido dentro de uma perspectiva crítica, uma vez que é um espaço dinâmico. O autor acrescenta que o cotidiano é também o espaço de repetição. A organização política do cotidiano obedece à ideologia da classe dominante,

sendo, portanto, uma estratégia de dominação e hegemonia, tendência que ocorre principalmente nos países capitalistas.

De acordo com Heller (2008, p. 16), a vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma restrição. O homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas aptidões intelectuais, suas destrezas manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias e ideologias.

Acredita-se que é no espaço do cotidiano onde os jovens negros se relacionam, têm a base material sobre a qual podem escrever sua história. Nesse espaço, sofrem as diversas violências, bem como elaboram suas formas de resistência.

Guimarães (1999, p. 5) corrobora a reflexão acima, quando aponta o racismo como a disseminação no cotidiano de práticas de discriminação e de atitudes preconceituosas que atingem, prioritariamente, os negros e os pardos.

O cotidiano da maioria da juventude negra expõe facetas da miséria do próprio sistema capitalista. É nesse espaço contraditório que se desenvolvem as relações sociais geridas a partir de uma organização desigual e, muitas vezes, perversa. Nesse contexto, o que fazer para que sejam decifradas as multifacetadas refrações da questão social que impacta esse segmento? Entende-se que os caminhos da resistência, através da arte, das ações políticas, certamente favorecerão uma suspensão desse cotidiano<sup>12</sup>, na tentativa de superação de toda e qualquer prática discriminatória.

### **JUVENTUDE NEGRA E RESISTÊNCIA**

A resistência tem a capacidade de articular as determinações passadas que se expressam no presente e estabelecem as relações sociais desiguais, quanto “às possibilidades de transformação que possam ser engendradas por um sujeito que é político e coletivo” (BOURGUIGNON, 2005, p. 49).

Touraine (*apud* ARAÚJO, 1999, p. 8) afirma que as lutas de resistência expressam, em cada momento, as formas históricas

---

<sup>12</sup> Ver Carvalho e Netto (2000).

de opressão, de miséria e de injustiça. Expressam o devir, através de sua crítica, de suas formas de contestação, de suas lutas na busca de novas alternativas, para o comando de uma nova historicidade.

Historicamente, a população negra no Brasil tem tido seus direitos violados. Essas violações foram sustentadas por teorias racistas elaboradas no século XIX. Tal discurso perpassa a história do Brasil, imprimindo relações desiguais entre as condições de direitos.

O fim da escravidão não garantiu aos negros o acesso às riquezas sociais, ao contrário, um histórico de lutas e de reivindicações sociais marca a história do negro no Brasil. A criação de espaços de luta em favor da igualdade racial no Brasil perpassa séculos, desde a formação de quilombos no século XVI.

Os quilombos são os primeiros movimentos em prol da liberdade, contra a violência da classe dominante. Não é possível estabelecer com certeza quando surgiu o primeiro quilombo. O mais provável é que as primeiras tentativas situem-se por volta de 1550.

O quilombo mais conhecido foi o Quilombo dos Palmares<sup>13</sup>, formado pelos escravos fugidos de Pernambuco, a mais importante das capitânicas. Localizava-se na Serra da Barriga, no atual estado de Alagoas, e significava um sonho que lá havia se tornado realidade: a vida livre.

Para Leite (2000, p. 3), os quilombos constituem questão relevante por estarem entre os primeiros focos de resistência dos africanos ao escravismo colonial, no entanto não somem de cena após a “abolição”, reaparecem no Brasil/República com a Frente Negra Brasileira (1930-1940) e retornam à cena política no final dos anos 1970, durante a redemocratização do país.

Na atualidade, entende-se que se trata de uma luta persistente, ganhando importante dimensão<sup>14</sup>. Ou seja, nas lutas do pas-

---

<sup>13</sup> Sobre Palmares, ver: Freitas (1982) e Moura (1987).

<sup>14</sup> Conquistas como: a criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (2003), a Lei 10639/03, a Lei das Cotas 2013, Cotas para Negros/as em Concurso Público, comemoração do dia 25 de julho como o Dia da Mulher

sado e nas atuais, o exemplo dos quilombos servirá sempre como um modelo a se seguir, em uma lembrança de que é possível, através da luta e da organização, vislumbrar novos espaços.

Essa longa tradição de luta acumulada desde os tempos coloniais por africanos e seus descendentes é o mais valioso patrimônio cultural, fonte inesgotável da resistência que se opõe à continuada opressão desumanizadora do racismo. De acordo com Guimarães (2002, p. 88), os movimentos negros e seus protestos aumentaram no século XX pelas seguintes razões:

Primeiro, porque a discriminação racial, à medida que se ampliavam os mercados e a competição, também se tornava mais problemática; segundo, porque os preconceitos e os estereótipos continuavam a perseguir os negros; terceiro, porque grande parte da população “de cor” continuava marginalizada em favelas, mocambos, alagados e na agricultura de subsistência.

É através das lutas e resistências que o movimento negro vem construindo diálogos com o Estado e com a sociedade. A história do movimento vem se caracterizando, segundo Domingues (2007, p. 11), pelo dinamismo, pela elaboração e reelaboração, em cada conjuntura histórica, de diversas estratégias de luta a favor da erradicação do racismo na sociedade brasileira.

Não obstante uma história de negação, os jovens apontam caminhos de resistência no urbano; uma resistência pautada na criatividade, na solidariedade e na coletividade. O movimento de resistência da juventude negra na atualidade guarda semelhança com o movimento histórico desencadeado pelos negros escravizados, considerando os avanços históricos e as conquistas.

Dentro das possibilidades que o movimento histórico permite – as condições políticas, econômicas e sociais –, os jovens negros seguem criando espaços de resistência com o objetivo de mostrar sua cultura, de denunciar seu lugar subalternizado na sociedade, de mostrar seus projetos e sonhos.

---

Negra, entre outras.

Perseguindo o desejo de mudança, os jovens negros têm utilizado ferramentas como o grafite, o *hip hop*, as músicas executadas pelos DJs e MCs para promover a discussão e a articulação, a fim de que possam, de maneira crítica, pensar sua realidade.

*“Através do grafite tentamos mostrar para os jovens que a arte pode mudar a vida deles”. “A gente mostra que o racismo é prejudicial e que a violência é um caminho errado”* (fragmentos de falas dos jovens entrevistados).

Através das expressões próprias do *hip hop*, os jovens falam sobre o seu cotidiano, sobre a realidade vivida. Têm consciência dos profundos obstáculos frutos das determinações econômicas, políticas e ideológicas. Contudo, até onde é possível, resistem ao que lhes é negado e sonham.

O sonho traz em si a capacidade de projetar, estando apto a produzir transformação. Os jovens negros estão sujeitos a um conjunto de negações, no entanto acalentam sonhos que apontam para a afirmação do que lhes é negado. Essa força é potencializada no cotidiano, no seu espaço de vivência, e fortalecida pela memória das lutas dos seus ancestrais.

Portanto, coloca-se um desafio, qual seja: atribuir visibilidade a essas ações transformadoras praticadas por esses sujeitos. Isso se dá em contraposição às levadas pela mídia, que somente apresenta o jovem como aquele cuja capacidade é voltada para a prática de atos violentos.

O sistema promove a produção de uma juventude desenraizada, uma vez que nega a sua condição de sujeitos de direitos, mas é na postura de sonhar que pode surgir a possibilidade de enraizamento, tendo em vista que este é um direito de todo ser humano. Para Yamamoto (2004, p. 22), todas as pessoas têm uma raiz de participação na coletividade, que conserva vivos os tesouros do passado e outros pertencentes ao futuro. E o desafio nem sempre é buscar o que se perdeu, mas o que pode nascer numa terra de erosão, de contradição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A juventude é o momento de decidir sobre o futuro e isso é gerador de tensões, principalmente porque, no atual cenário

capitalista, muitos desses jovens vão encontrar dificuldades de dar vazão ao seu potencial criativo. Por outro lado, a necessidade de ser reconhecido mantém-se, a despeito das limitações impostas pelo sistema. Encontrar possíveis saídas para essas tensões no interior da sociedade capitalista coloca-se como um grande desafio para os profissionais de Serviço Social.

No atual contexto brasileiro, a juventude negra tem sido vista como um dos segmentos mais suscetíveis às expressões da violência, por ser mais pobre e morar em áreas segregadas, onde a segurança é negligenciada por parte dos poderes públicos. Essa é uma situação que exige uma análise crítica e deve conduzir à compreensão da problemática, da qual deriva a criação de estratégias políticas de superação dessa realidade.

Retomando a ideia que permeia este estudo, a saber, a violência no cotidiano da juventude negra, pode se dizer que ganha novos contornos ao longo da história, de modo que sua manutenção seja garantida. Diante disso, entende-se que a situação atual dos jovens negros guarda traços profundos do passado.

As reflexões apresentadas neste estudo tiveram como sujeitos da pesquisa quatro grupos de jovens<sup>15</sup>: moradores de áreas segregadas socioespacialmente<sup>16</sup>, jovens infratores<sup>17</sup>, jovens vinculados à religião cristã<sup>18</sup> e jovens ligados a um movimento social e cultural<sup>19</sup>. Nas falas desses jovens, foram encontrados depoimentos ricos de significados. Os jovens denunciaram questões do seu cotidiano como: a violência policial fortemente vinculada

---

15 A pesquisa foi realizada com jovens de ambos os sexos e que se autodeclararam negros.

16 Jovens moravam na comunidade Bola de Ouro em Jaboatão dos Guararapes-PE.

17 Os jovens infratores estavam internos no Centro de Internação Provisória (CENIP) Recife e Santa Luzia, da Fundação de Atendimento Socioeducativo (FUNASE-Recife).

18 Os jovens pertenciam a diversas comunidades de fé, mas eram todos/as da cidade de Vitória de Santo Antão, na Zona da Mata Sul do estado de Pernambuco.

19 O movimento social e cultural foi o Cores do Amanhã, um grupo formado por educadores, artistas plásticos, grafiteiros, boys, Mcs, Djs, artesãos, músicos e artistas de diversas áreas, que buscam levar cultura e cidadania através da arte e do hip hop.

ao racismo, o abandono do poder público com o espaço por eles habitado, a pobreza inerente à vivência da maioria, dentre outras.

Os jovens vinculados ao grupo social e cultural fizeram uma leitura politizada dos fenômenos que cercavam a realidade por eles experimentada. Apontavam com clareza o racismo, o descaso dos poderes políticos, a fragilidade das suas moradias, mas não somente identificavam as situações, como também constroem espaços de reflexões através dos elementos do *hip hop* e, com suas músicas, denunciavam as diversas situações de injustiça que os oprimiam. Viam as suas ações como uma maneira de resistir às injustiças presentes no cotidiano de cada um/a.

Os jovens moradores de espaços segregados<sup>20</sup> reconhecem em suas falas as diversas expressões da desigualdade por eles sofridas, no entanto, à época da investigação, não havia nenhuma forma de organização juvenil na favela. Nos seus depoimentos, ficou visível o desejo de mudança na postura dos políticos, dos quais toda a comunidade deveria cobrar. Sua resistência apresentava-se no desejo de estudar, na procura de um bom emprego e, sobretudo, no reconhecimento da sua negritude.

Aqueles vinculados à religião cristã acreditavam na solidariedade, na irmandade entre todos. “*Se as pessoas se amassem mudaria tudo isso*” (fragmento da fala de um jovem do sexo feminino). O caminho de resistência apresentado por esse grupo, segundo eles, os protegia das ofertas das drogas, da inserção no crime e os impulsionava a trilhar um caminho de recusa ao que não era bom para as suas vidas.

Os jovens infratores, em todas as falas, mesmo reconhecendo sua condição de pobreza e de já terem sido sujeitos do racismo, entendiam-se como violentos, mas não conseguiam ver as questões por eles vivenciadas como violências. Para muitos desses jovens, como para boa parte da sociedade, essas questões são naturalizadas, demandando dos profissionais que desenvolvem atividades com esse grupo que elaborem reflexões, visando despertar nestes um sujeito que se reconheça na história. Para esse grupo, a ideia de resistência estava muito ligada à ideia de

---

20 Na pesquisa, os espaços segregados eram entendidos como favela.

transgressão “os caras têm que nos respeitar” (fragmento da fala de um jovem entrevistado). O desejo de ser respeitado, reconhecido os conduzia a cometer atos infracionais que terminavam limitando as suas vidas e sonhos. Os jovens tomam caminhos diferentes de resistência, que mostram a apreensão da realidade por diferentes perspectivas, sem dúvida, caminhos ricos para análise.

Algo comum a todos/as era a possibilidade de transformação expressa através dos sonhos. Todos sonhavam um mundo com igualdade, sem nenhuma forma de violência ou discriminação.

Diante da breve análise apresentada, entende-se que as violações de direitos apontadas pelos jovens, como o racismo, a segregação socioespacial e a violência, não se apresentam como nas décadas anteriores, pois a história é dialética e não há repetição sem uma dosagem de inovação. Contudo, estes se mantêm não negando as bases que as originaram, ou seja, a formação socioeconômica, que, na atualidade, reestrutura-se acompanhando o movimento do capitalismo contemporâneo.

O modo como a sociedade está organizada afirma a permanência das desigualdades, conduzindo uma parcela dos jovens negros à alienação dos processos, que impõem limites a sua vivência cotidiana.

Contudo, como vimos a partir dos exemplos acima, há os que resistem, os que têm a capacidade de decifrar as artimanhas políticas, ideológicas que contribuem para a manutenção das situações de desigualdades. Eles, através de suas lutas, animados pelos exemplos dos mais experientes e dos ancestrais, caminham na direção do sonho maior: a liberdade.

Entende-se que os jovens têm um potencial revolucionário capaz de questionar o sistema capitalista e, quem sabe, apontar caminhos para a sua superação. No entanto, o modo como a sociedade se organiza frustra, de diversas maneiras, esse potencial. Contudo, é no espaço do cotidiano que os jovens fazem a história, muitas vezes, não como ato intencional de criar o novo e destruir o velho, mas na contradição que esse movimento impõe. E é dessa contradição que nasce a possibilidade da práxis revolucionária.



Este artigo apresenta-se como um esforço de aproximar o Assistente Social da realidade vivenciada pela juventude negra. A finalidade é que esse profissional, comprometido com tal segmento, possa, em seus espaços de trabalho, pensar ações que contribuam para o fortalecimento desse público.

Por fim, cabe destacar: as diversas formas de violência que têm como alvo prioritário as pessoas negras somente serão superadas no dia em que cada homem e cada mulher forem capazes de respeitar o/a outro/a nas suas diferenças. Isso exige uma sociedade, como disse István Mészáros (2000), para além do capital. Acrescenta-se: uma sociedade para além das classes, **para além das desigualdades de raça e de gênero**, cujas formas de reconhecimento possam forjar-se no sentido da construção da liberdade humana, e não no da dominação.

As reflexões acima se apoiam na seguinte certeza: é na dinâmica contraditória da vida social que se aportam as possibilidades da sua transformação, instaurando outro padrão de sociabilidade regido por valores democráticos e pelo protagonismo da sociedade, que é plural e diversa. O lugar do jovem é na construção da história, vivendo-a, experimentando-a, renovando-a.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995.

ARAÚJO, Clara. Marxismo, feminismo e o enfoque de gênero. **Crítica Marxista**, São Paulo, n. 11, 1999.

ARENDT, H. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BOURGUIGNON, J. A. A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social. In: SEMINÁRIO NACIONAL ESTADO E POLÍTICAS SOCIAIS NO BRASIL, 2. **Anais...** Cascavel, 2005.

BRASIL. **Código de Ética do Assistente Social**. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 1993.

\_\_\_\_\_. **Política Nacional de Juventude.** Brasília: Secretaria Nacional da Juventude, 2006.

CARDOSO, R. C.; SAMPAIO, H. **Bibliografia sobre juventude.** São Paulo: Edusp, 1985.

CARVALHO, M. C. B; NETTO, J. P. **Cotidiano: conhecimento e crítica.** São Paulo: Cortez, 2000.

CFESS manifesta. **A juventude brasileira precisa de política pública!** Janeiro de 2013.

CHAUÍ, Marilena. Brasil: o mito fundador. **Revista da associação psicanalítica de Porto Alegre,** Porto Alegre, n. 19, out. 2000.

\_\_\_\_\_. Participando do debate sobre mulher e violência. In: \_\_\_\_\_. **Perspectivas antropológicas da mulher.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 25-62.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo,** Rio de Janeiro, n. 23, 2007.

FRAGA, P. D. Violência: forma de dilaceramento do ser social. **Serviço Social e Sociedade,** São Paulo, n. 70, 2000.

FREITAS, D. **A guerra dos escravos.** Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas.** Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GUIMARÃES, A. S. **Classes, raças e democracia.** São Paulo: Editora 34, 1999.

GUIMARÃES, A. S. **Preconceito racial: modos, temas e tempos.** São Paulo: Cortez, 2006.

HELLER, A. **O cotidiano e a história.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HENRIQUES, R. Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. In: IPEA. **Texto para discussão n. 807.** Rio de Janeiro: IPEA, julho de 2011.

IAMAMOTO, Marilda V. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. Questão social, família e juventude: desafios do trabalho do Assistente Social na área sociojurídica. In: SALES, Mione; MATOS, Maurílio; LEAL, Maria Cristina (Org.). **Política social, família e juventude: uma questão de direitos**. São Paulo: Cortez, 2004.

LEFEBVRE, H. **Lógica formal/lógica dialética**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LEITE, I. B. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Revista Etnográfica**, v. IV, n. 2, 2000.

MANNHEIM, Karl. **O problema da juventude na sociedade moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARGULIS, Mario. Juventud: uma aproximacion conceptual. In: BURAK, Solum Donas. **Adolescencia y juventud en America Latina**. Costa Rica: Conselho Editorial DLRU, 2001.

MARICATO, Emilia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Emilia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MINAYO, M. C. Social Violence from a Public Health Perspective. **Caderno. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. 07-18, 1994.

MORAIS, R. **O que é violência urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOURA, C. **Os Quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

ODALIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REZENDE, Cláudia B. Identidade: o que é ser jovem?. **Tempo e Presença**, n. 240, p. 4-5, 1989.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: \_\_\_\_\_. **Espaço e Sociedade: ensaios**. Petrópolis: Vozes, 1982.

SANTOS, R. J. **Antropologia para quem não vai ser antropólogo**. Porto Alegre: Tomo, 2005.

SILVA, R.; CARNEIRO, S. **Violência Racial: uma leitura sobre os dados de homicídios no Brasil**. São Paulo: Geledés Instituto da Mulher Negra; Global Rights Patners for Justice, 2009.

SILVA, J. C. G. **Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana**. São Paulo: O autor, 1998.